

## CONTINUIDADE E RUPTURA: A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA NO SÉCULO XXI

### CONTINUITY AND RUPTURE: THE BRAZILIAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION IN THE 21ST CENTURY

*Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária. (Lucas 10:41)*

Comemorou-se no dia 13 de agosto de 2016 a criação do Dia do Psiquiatra e, no dia 11 do mesmo mês e ano, a Empresa de Correios e Telégrafos do Brasil lançou selo e carimbo comemorativos em alusão à data, escolhida pelos 50 anos de fundação da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP). A ocasião coroou o êxito de uma das gestões mais bem sucedidas na história da ABP, que ao romper com um modelo de administração intuitivo, já insuficiente para lidar com a crescente demanda da especialidade, modernizou e colocou a ABP definitivamente no século XXI. Essa ruptura se deu em meio a uma significativa mudança regimental inaugurada na administração de Antônio Geraldo da Silva, nos períodos sucessivos de 2010-2013 e 2013-2016.

Nesse período de seis anos, a psiquiatria brasileira deixou o outrora estreito e limitado círculo acadêmico em que até então vinha sido dirigida. Os sucessivos presidentes seguiam uma regra dinástica em que eles decidiam quem, na hierarquia da academia, seria o próximo presidente e honravam um acordo de cavalheiros em que o presidente atual se comprometia em abrir mão de qualquer pretensão à reeleição. Os presidentes eram então escolhidos por consenso e aclamados por um sistema de eleição colegiada. É interessante notar que, ao longo desses 44 anos, esse projeto narcísico não elegeu nenhuma mulher presidente.

Desse modo, o modelo da velha ABP não se abria à eleição de qualquer associado caso não estivesse na linha da continuidade sucessória. Era um modelo exclusivista. Nesse ínterim, a maioria das sociedades médicas se democratizava, instituindo eleições diretas e

participativas, o que levou a administrações dinâmicas e modernas. Na ABP, crescia a insatisfação pelo antigo modelo e emergia uma pressão crescente por eleições diretas, inclusive com a participação de alguns notáveis ex-presidentes. Após muita resistência, a continuidade dinástica foi confrontada por uma chapa de oposição que pregava, entre outras coisas, a eleição direta. Essa chapa, liderada por Antônio Geraldo da Silva, então com 47 anos, foi vencedora e, entre outras mudanças administrativas importantes, lutou pela adoção regimental da eleição direta e venceu. Cumprida essa gestão (2010-2013), Antônio Geraldo reelegeu-se, mas agora por eleição direta, sendo o primeiro presidente da ABP a se eleger pelo voto da maioria dos associados, cumprindo a primeira gestão neste novo instituto democrático (2013-2016). Note-se, *en passant*, que essa gestão, que finda no momento em que escrevo este artigo, elegerá a primeira mulher a dirigir a ABP após meio século de sua história.

O entusiasmo trazido pelas mudanças e pela abertura da participação dos associados em todas as instâncias administrativas da ABP atraiu mais inscrições e aumentou a afluência aos congressos anuais, os quais despertaram o interesse de muitas associações internacionais, firmando-se parcerias importantes com a SEPD, SONEPSYN, APSA, APAL, SEPB, SEP, SPPSM, ASMELP, APPD, WADD, RC PSYCH, NIMH e UTTEXAS. A experiência administrativa, empreendedorismo e liderança do novo presidente imprimiu uma cascata de mudanças na ABP. Ele soube reunir um grupo de psiquiatras entusiastas para assessorá-lo, entre eles alguns ex-presidentes cuja experiência e memória foram essenciais à modernização da ABP. Acrescente-se a isso a incansável colaboração de funcionários que aderiram ao novo estilo de administração.

MD, PhD. Psiquiatra e escritor.

A complexidade das associações médicas em um mundo cujas informações e demandas são atualizadas em tempo real requer uma administração experiente e gestores preparados. Quando a ABP era uma pequena associação, não era difícil administrá-la, mas as vertiginosas mudanças na sociedade e uma medicina cada vez mais complexa, integrada e exigente levaram a capacidade administrativa das gestões passadas a um limite. Quando o mencionado presidente assumiu a ABP, deparou-se, entre várias coisas, com um déficit fiscal de R\$ 60 mil/ano devido à prova de especialização. Enquanto as demais associações médicas já cobravam pela prova de título de especialista uma taxa importante, na ABP a prova de título era gratuita. A gestão em pauta não apenas passou a cobrar o justo pagamento pela especialização, como deu excelência ao concurso, fazendo, por exemplo, as provas práticas atualmente no ambiente dos hospitais, como fazem as demais especialidades, e não mais por descrição de casos ou vídeos. Este fato ilustra o impulso da nova ABP, que, no âmbito administrativo, atacou os déficits fiscais e, junto com outras medidas saneadoras, aumentou o caixa, o que mais tarde possibilitou à ABP ter uma sede administrativa própria (Rio de Janeiro) e reformar a sede de produção das revistas da Associação (São Paulo).

A nova administração estimulou a modernização e o desenvolvimento de federadas, embora algumas tenham mantido antigos vícios políticos, apesar de a nova ABP ter instituído fundos de participação para eventos e cursos. Criou-se a ABP TV, reformulou-se o curso de educação continuada, aumentou-se a produção de textos didáticos com a parceria ABP/ARTMED, modernizou-se a Revista Debates em Psiquiatria, e a Revista Brasileira de Psiquiatria internacionalizou-se, aumentando o seu impacto. Algumas dessas iniciativas já tinham sido implantadas em gestões passadas, porém, não avançaram devido a problemas de gestão de recursos.

Um fato de singular importância na gestão da nova ABP foi a inclusão da psiquiatria na vida nacional. Os psiquiatras passaram a ser mais participativos nas políticas de saúde mental, que, tomada por aventureiros ideológicos antipsiquiátricos, buscavam excluir a psiquiatria e os psiquiatras eliminando leitos na rede pública, levando doentes mentais graves à desassistência e chegando mesmo a propor a proibição de tratamentos reconhecidamente eficazes e apropriados, mergulhando

a saúde mental no atraso e os doentes na angústia do desamparo. Ora, a nova ABP mostrou que a psiquiatria é também um instrumento de cidadania, proporcionando aos que sofrem de graves transtornos mentais tratamentos modernos, que devolvem ao cidadão a sua capacidade de decisão e trabalho. Isso inclui, nessa mesma linha, as campanhas públicas de valorização do psiquiatra e da prevenção do suicídio.

A campanha da psicofobia, iniciativa pessoal do presidente Antônio Geraldo, foi sucesso de mídia e estimulou a participação popular na psiquiatria, aproximando o cidadão brasileiro da especialidade. Muitas emissoras de TV, rádio e jornais passaram a convidar psiquiatras para falar de temas de saúde mental para a população. A campanha da psicofobia, ou preconceito contra os que sofrem de transtornos mentais, acabou por se transformar em um projeto de lei ora em tramitação do Congresso Nacional. Essa campanha se estende também àqueles que negam ao padecente assistência psiquiátrica, em nome de uma ideologia que prega a não existência da doença mental, o que também é uma forma de psicofobia. A participação espontânea de figuras populares, como artistas e esportistas, declarando-se portadores de algum transtorno mental e recebedores de ajuda psiquiátrica, mostrando que isso jamais obscureceu o seu brilho e a admiração de seu público, foi um passo importante contra esse preconceito. Também uma campanha contra o crack, que recebeu o slogan “Craque que é craque não usa crack”, foi sucesso de mídia e ganhou a adesão de grandes nomes do esporte para divulgá-la gratuitamente, inclusive com chamadas em partidas oficiais de futebol. Esses fatos abriram a psiquiatria para a sociedade brasileira, tirando-a do seu ostracismo histórico.

Esses são fatos que levaram a uma descontinuidade na narrativa da velha ABP, rompendo o tradicionalismo. Em toda associação, com em qualquer empresa, todos estão dispostos a ajudar. Somente quando as pessoas são mal governadas, perdem o interesse no trabalho, a confiança na administração e se deprimem. Isso leva à estagnação. Mas se bem governadas e bem orientadas em suas funções, as pessoas formam o coletivo que garante o sucesso e o progresso de uma empresa. Isso acontece quando alguém tem o que chamamos de “espírito de liderança”, e uma liderança não é algo

# ARTIGO ESPECIAL

FERNANDO PORTELA CÂMARA

# ARTIGO

que sempre ocorre quando elegemos alguém para dirigir uma associação. De fato, ela é incidental, isto é, todos podem ser eleitos para governar, mas somente alguns irão liderar: são os agentes de mudança. É nesse contexto que uma ruptura acontece, e somente assim uma mudança é possível. Romper com estruturas do passado, as fatídicas “tradições”, é o evento inaugural de toda grande transformação.

Por fim, darei aqui um testemunho pessoal. Nunca integrei as diretorias das gestões mencionadas, mas fui um defensor independente e ativo das eleições diretas da ABP, que iniciei na lista brasileira de psiquiatria em 2005. A partir daí, uni-me a um grupo que defendia essa causa há algum tempo e que formou a chapa de oposição que disputou as eleições em 2007. A perda

dessa eleição serviu para chamar a atenção pela causa e ganhou muitas adesões. O grupo então decidiu escolher um líder com capacidade para levar adiante a causa, e foi assim que Antônio Geraldo da Silva, um participante ativo desse grupo, foi escolhido por unanimidade para liderar a chapa de oposição em 2010, com o compromisso de que, se vencesse, implementaria eleições diretas na ABP. Ele foi mais além e abriu o século XXI na psiquiatria brasileira. Esse grupo se autodenominava “nova ABP” ou “ABP democrática”, e a sua história foi aqui contada.

O autor informa não haver conflitos de interesse associados à publicação deste artigo.

Fontes de financiamento inexistentes.

**Correspondência:** [fpcamara@gmail.com](mailto:fpcamara@gmail.com)

**Baixe o aplicativo da ABP  
em seu celular e fique por dentro de:**

NOTÍCIAS



NOVIDADES



EVENTOS



CBP 2017



CURSOS



Disponível em:

